

## ESTUDO DA TEMÁTICA DECORATIVA DE "ÍISIS ALEITANDO HÓRUS"

Selma Faria<sup>1</sup>

**Resumo:** A tese intitula-se "Estudo da Temática Decorativa de Ísis aleitando Hórus", e trata-se de uma pesquisa sobre o enquadramento histórico arqueológico em que se inserem as estatuetas do aleitamento isíaco que figuram na exposição egípcia do Museu Nacional de Arqueologia. A nível temporal, o estudo inicia-se com os primeiros figurinos e representações pré e proto-históricas das primeiras divindades femininas egípcias, na passagem do Neolítico para o Calcolítico Egípcio (Egipto Pré-dinástico), e desenvolve-se até ao Egipto Copto, durante o qual fenómenos culturais como o sincretismo e pan-sincretismo religiosos fizeram destas representações, e da temática geral do aleitamento divino, um exemplo aglutinador da Arte e Religião Egípcias, nomeadamente com fenómenos como a transposição cristã do aleitamento.

**Abstract:** : Going by the title of "Study of the iconographic theme of Isis nursing Horus" this research's aim is to analyse the historical and archaeological context in which the statuettes of Isis breast feeding Horus, which are displayed at the Portuguese National Museum of Archaeology (MNA). Time line wise, this study starts with the first found pre-historic and proto-historic artefacts and representations of these Gods, during the Egyptian Neolithic and Copper Age (pre-dynastic Egypt), and it extends its span up to the Coptic Era, during which cultural phenomena like religious syncretism and pan-syncretism, have provided these statuettes, and the overall iconographic theme of the divine nursing, with an element of agglutinating influence over both Egyptian Art and Religion; namely with phenomena like the Christian transposition of the divine nursing.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História, variante Arqueologia, pela Universidade Nova de Lisboa – FCSH. Mestre em Arqueologia Pública pela University College of London (UCL).

«A criança mamou no seu seio. O leite do céu correu para a terra como a graciosa luz das estrelas flui até às cabeças dos sonhadores. Ísis murmurou as canções da mudança, palavras de força, as protecções de uma mãe. Nesse momento de transformação estavam as sementes do passado e o florescimento do futuro»

(Ellis Normandi, 2000, in Jean Houston, 2000: 69).

### DESCRIÇÃO DOS EXEMPLARES DE BRONZE DE *Ísis ALEITANDO HÓRUS*

A colecção do Museu Nacional de Arqueologia é fruto da reunião de cerca de setenta peças, adquiridas em 1909 pelo professor José Leite de Vasconcelos no Egipto, com alguns exemplares já existentes no então chamado Museu Ethnológico. Desde então, o acervo cresceu de tal forma que atingiu as quinhentas peças, das quais duzentas estão na reserva e trezentas se encontram expostas permanentemente como "Antiguidades Egípcias". É nesta exposição que se encontram as três peças que servem de base ao presente estudo, que estando destituídas de contexto arqueológico, por terem integrado colecções particulares, constituem, no entanto, do ponto de vista iconográfico, objecto interessante para considerações e análises relacionadas com o significado artístico e simbólico-religioso na arte egípcia (anexo 1).

**Peça E 180: *Ísis aleitando Hórus.*** Exemplar de bronze, com pátina verde. Sendo de origem desconhecida, a peça é datada da Época Baixa, mais propriamente dos séculos VII-IV a.C.; tem de altura 15.5 cm e de largura 4 cm.

Quanto à proveniência, esta estava integrada na colecção do Palácio Nacional da Ajuda. Integra agora a colecção de Antiguidades Egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, com o número de inventário de E 180. Da iconografia isíaca, a imagem da deusa amamentando o filho Hórus, que se senta ao seu colo, é das mais frequentes. Ísis está entronizada (o trono original desapareceu), usando um vestido justo que lhe chega a meio das pernas, e ostentando sobre a cabeça uma base circular decorada com um friso de serpentes solarizadas, da qual parte a cornamenta liriforme, aqui apenas no seu início. A peruca tripartida é listada e apresenta à frente a serpente sagrada, caindo para cada lado as asas de abutre (anexo 2).

**Peça E 316: *Ísis amamentando Hórus.*** Exemplar de bronze de pátina verde escura. Sendo de origem desconhecida, a peça é datada da Época Baixa, mais propriamente dos séculos VI-IV a.C.; tem de altura 10.2 cm e de largura 2.8 cm. A peça é proveniente da colecção Barros e Sá e pertence agora à colecção de Antiguidades Egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, com o número de inventário E 316. Trata-se de uma estatueta da deusa Ísis entronizada

amamentando o filho Hórus e usando também um vestido justo que lhe chega a meio das pernas; tem sobre a cabeça uma base circular, sobre a qual assenta a cornamenta liriforme, que rodeia o disco solar, da qual falta uma pequena parte. À semelhança da peça 247, apresenta uma peruca tripartida com serpente central, e assenta numa base.

**Peça E 178: *Ísis aleitando Hórus*.** Exemplar de bronze com patina acastanhada. Tal como nas duas peças anteriores, a origem deste exemplar é desconhecida e a cronologia é semelhante à das anteriores peças. Quanto à proveniência, tal como a estatueta inventariada com o número E 116, esta peça integrava a colecção Barros de Sá, sendo que aquando da sua integração no inventário do Museu Nacional de Arqueologia esta passou a estar identificada com o n.º E 178. Quanto à descrição da peça, não obstante o facto de se tratar de um exemplar muito bem modelado, encontra-se partido e espoliado de algumas partes importantes para a compreensão da temática inerente a este tipo de representações, nomeadamente a mão esquerda onde se encostaria o pequeno Hórus *Harpocrates* (designação grega para Hórus criança ou menino), o próprio, a cornamenta liriforme e o disco solar. Quanto às outras características fundamentais deste tipo de iconografia, elas estão todas presentes, entre as quais, a cabeça encimada por uma base circular com alguns pormenores em relevo e a habitual decoração de serpentes solarizadas, a serpente sagrada frontal e ainda o aspecto tripartido da cabeleira, realizado através de incisões na horizontal (anexo 3).

O estudo de qualquer temática decorativa da arte egípcia requer, antes de mais, o entendimento de que tem que ser realizado segundo o pressuposto de que se trata de uma sociedade movida essencialmente pela religião, aquela dentro da qual se desenvolve o processo artístico estudado. Foi com base nisto que me propus elaborar um estudo sobre um dos temas mais complexos da arte do antigo Egipto, que é a amamentação divina de Hórus pela mãe e deusa Ísis. É uma temática na qual a questão do aleitamento do rei traz à superfície a possibilidade de se desenvolverem considerações respeitantes à sua consagração. Para além disso, dentro deste tema, tão sagrado para os egípcios e ainda mais milenar que a própria civilização faraónica, será também de ressaltar o papel da deusa que, em todos os seus atributos, se distingue em alguns pontos fundamentais, sobretudo no que se refere à sua condição de mãe. É, no mínimo, curioso o papel de que Ísis desfruta no processo de evolução da instituição da deusa-mãe, contribuindo largamente para a sua continuidade. No entanto, a questão é bem mais complexa do que à partida se poderá inferir, já que a ela se aliam outros aspectos igualmente essenciais para a compreensão da temática do aleitamento isíaco.

Quando nos colocamos em presença de estatuetas referentes ao aleitamento isíaco, como as que integram a Colecção de Antiguidades Egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, vemos

representados, não só toda a construção ideológica que o Egito foi sofrendo ao longo dos seus três mil anos de história, mas também os antecedentes da mesma, que se forjaram no período pré-dinástico (por volta de 3200 a.C.). Trata-se de uma civilização, do ponto de vista religioso, complexa tendo em conta que abre uma grande panóplia de possibilidades no que diz respeito a paralelos e comparações sincréticas internas e externas, e o exemplo mais flagrante disso é a rede intrincada de mitos e deuses que estão na base dos princípios religiosos e políticos do Egito faraónico. Os cultos aos deuses Ísis e Hórus são exemplos flagrantes desta realidade. Os vários tipos de representação de Ísis que atestam o seu carácter aglutinador relativamente às outras divindades e mitos são um exemplo entre vários, embora a situação de Ísis seja a mais espantosa pela grandeza que a deusa foi granjeando ao longo dos milénios, possivelmente desde o pré-dinástico, quando se forjou o mito de Osíris. Por outro lado, um culto que se supõe contar com cerca de cinco mil anos, já que terá as suas origens mais remotas no Neolítico, tinha, forçosamente, que ser alvo de várias alterações, assim como teria que acontecer com os seus intervenientes.

Estamos perante a propagação de um mito que cresce mais do qualquer outro, chegando mesmo a suplantar os cultos egípcios mais importantes, como os de Osíris, seu irmão-esposo, e Hórus, seu filho. Uma vez venerada e honrada pelos Egípcios, Ísis terá recebido os mesmos privilégios na Grécia e no Império Romano.

Tudo indica que tal disseminação se tenha dado por via da celebração dos cultos de Ísis e de Osíris em Abidos. Na realidade, tão extensos e intensos se tomaram os alargados mistérios de Ísis, nos séculos II e III, que o próprio Plutarco foi sacerdote dos mistérios de Ísis (Houston, 2000: 321). Na verdade, pertence a Plutarco a versão mais completa do mito de Osíris, *De Iside et Osiride* (século I d.C.); esta é também a obra que conferiu a Ísis a grandeza de que viria a usufruir a partir de então no mundo clássico e para além desse. Sacerdote de Apolo e discípulo do idealismo religioso e mítico de Platão, Plutarco escreve uma obra moral representativa do movimento místico-ideológico e das preocupações da época. O filósofo grego refere-se a Ísis como sendo um sinónimo de ordem e de integridade, estabelecendo constantes paralelos com deuses do panteão grego. O *Templo Joceión*, recinto construído em pleno território grego, é descrito pelo autor como "a casa em que podemos adquirir a ciência do ser...", sendo esta ideia de aquisição do saber isíaco reforçada através da teoria de que Ísis seria filha de Hermes, o deus da escrita e da música, ou de Prometeu, inventor da sabedoria, sendo que isto diziam "... as numerosas autoridades" (Meunier, 1930: 17). "É possível colocar-se a hipótese de uma apropriação do culto da deusa egípcia por parte da religião grega. Existem ainda identificações de Ísis com a deusa Deméter, dadas as relações de ambas as deusas com o mundo dos mortos" (Solmsen, 1979: 10).

No que concerne aos povos latinos, o culto de Ísis difundiu-se pelo império romano, sobretudo a partir da época de Calígula (39-41 d.C), sendo que aqui talvez a palavra não seja apropriação mas antes adopção. Tal é particularmente visível em *O Burro de Ouro (Metamorfoses)* do século II, da autoria do escritor latino Apuleio. Nesta história, o protagonista Lúcio, enquanto tenta aprender magia é transformado num burro, conseguindo recuperar a forma humana devido à compaixão da deusa Ísis. Durante o referido episódio Lúcio, depois de se purificar no mar, reza com fervor à *rainha do céu*, que ao lhe aparecer revela a sua verdadeira identidade.

*“(…) «vê bem, Lúcio», disse ela, «venho a ti comovida pela tua oração — eu, a mãe natural de toda a vida, senhora dos elementos, a primeira filha do tempo, suprema divindade, rainha dos que estão no inferno, a primeira entre os que estão no Céu, a manifestação uniforme de todos os deuses e deusas — eu, que governo com um aceno as ondas de luz no céu, as purificantes lufadas do mar e os lamentáveis silêncios do inferno — eu, cuja única imagem é venerada em toda a Teo-a, sob inúmeras formas, vários ritos e diferentes nomes. Assim, os Frígios, a raça mais antiga, chamam-me Pessinúncia, Mãe dos Deuses. As raças aborígenes da Ática, Minerva Cecrópica; os Cipriotas na sua ilha, Vénus de Pafo; os arqueiros de Creta, Diana Dictina; os sicilianos das três línguas, Proserpina Estígia; os Eleusinos, a antiga deusa Ceres. Uns chamam-me Juno, outros Helona, outros Hécate, e outros Ramnúsia. Mas os que são iluminados pelos primeiros raios dessa divindade que é o sol, os Etíopes, os Árias e os Egípcios que se distinguem nos factos e tradições antigas, todos me veneram com as suas cerimónias ancestrais e me dão o meu nome verdadeiro, Rainha Ísis (...)»” (Campbell, 1972: 3-4).*

Ordem e integridade, saber, compaixão e maternidade parecem ser, deste modo, as grandes qualidades atribuídas a Ísis, aquelas que atravessaram tempo e espaço, fazendo desta uma deusa universal. Por outras palavras, apesar das alterações de personalidade que a deusa sofreu ao longo dos milénios, fruto da assimilação estrangeira (principalmente do Próximo Oriente e do mundo clássico) e da incorporação das suas divindades e cultos, as características primordiais de Ísis, forjadas pelo mito osírico, terão estado sempre presentes no culto à deusa. A questão que se segue será pois compreender o porquê destas características e não de outras, sendo esta uma interrogação à qual o próprio mito responde.

### *Ísis, a rainha-mãe*

As origens de Ísis são incertas, embora segundo alguns estudiosos esta tenha sido adorada pela primeira vez no Delta Central, como deusa local de Sebenitos, mais propriamente de Behebeit el-Hagar, e como *senhora de Busíris*, local do Alto Egipto.

Na *Enéade Heliopolitana* a deusa ocupa o sétimo lugar como filha de *Geb* (o deus da terra) e *Nut* (a deusa do céu), logo depois de *Ositis*, e antes de *Seth* e de *Néftis*. Estamos perante um

esquema genealógico que remontará à Pré-história, já que o próprio mito osírico, que serviu de base à construção da civilização faraónica, é tido como um reflexo da síntese entre a estratégia de caça, recolocção e armazenamento do Mesolítico e a cultura de produção de alimentos do Neolítico.

Existe um fenómeno algo recuado que ajuda a compreender a condição de *deusa mãe* que Ísis adquire. Trata-se do fenómeno mesolítico das estatuetas femininas de terracota, tidas pelos estudiosos como deusas-mãe (anexo 4). Uma destas representações mostra uma clara obesidade ginóide, semelhante à das Vénus paleolíticas e está sentada num trono flanqueado por aquilo que parecem ser dois leões (Leroi-Gourhan, 1983: 128). Tendo sido encontrada em Çatal Hüyük, na Anatólia, e sendo datada de cerca de 6000 a.C., esta deusa mãe terá sido uma entre muitas, já que, defende Luís Manuel de Araújo, os artesãos que provavelmente a modelaram terão continuado a esculpir imagens com a mesma temática, embora a obesidade ginóide fosse desaparecendo gradualmente e fossem surgindo, em vez desta, crianças junto à figura (Araújo, 2001: 54). Até que ponto seriam estas crianças a substituição do indicador de maternidade e fertilidade antes dado pelas formas volumétricas do ventre e dos seios tumefactos e descaídos das deusas será uma questão a explorar, sendo esta interrogação que nos leva à correlação entre estas deusas mesolíticas do Próximo Oriente e a divindade Ísis de origem neolítica. Na verdade, parece estar-se perante uma continuidade cronológica e cultural quase ininterrupta.

Contudo, se deixarmos, por momentos, a contextualização histórica ficar num segundo plano, é no próprio mito de Osíris que encontramos os maiores indicadores da natureza maternal de Ísis. Esta natureza encontra-se plenamente manifesta nas estatuetas de *Ísis amamentando Hórus*, também estas esculpidas desde a Pré-história, ou não constituíssem as mesmas a materialização do mito.

A expressão maternal de Ísis começa por ser explorada no mito, logo no início, quando a divindade nos é apresentada como parteira, percorrendo por vezes todo o Egipto, na sua vontade incessante de ajudar mulheres a darem à luz. Ísis tinha sido criada por *Nut* e *Geb*, precisamente com o intuito de transmitir às mulheres os ensinamentos sobre a sua condição. No entanto, ironicamente, ela própria não conseguia conceber uma criança, o que poderá explicar o facto de esta ter criado o rejeitado fruto da traição de Néftis, sua irmã e companheira, e Osíris, seu amado esposo. Ao perfilhar Anúbis, o deus chacal, Ísis cedo mostrou o quão superior e sagrada era a sua condição de mãe.

Um outro episódio explicativo desta realidade está já inserido na fase dos trabalhos de Ísis, encetada quando *Seth*, esposo traído de *Néftis*, aliando à sua sede de vingança a sua vontade extrema de poder, manda assassinar *Osíris*. Na busca incessante pelo corpo do marido, e após vários anos de saga, Ísis chega a Biblos, onde inicia uma afectuosa relação com o filho mais novo da rainha-deusa Astarte. O sofrimento e a dor modificam-na, já não tão régia, entra no palácio de Biblos como se de uma serva se tratasse, de forma a esconder a sua condição de deusa, mas aquela que constitui urna das suas características principais mantém-se. No papel de ama, a divindade e rainha do Egipto não consegue evitar amar a criança, mais uma vez como sendo sua, amamentando-a e desenvolvendo ritos para a favorecer com o dom da vida eterna. Assim, este último episódio coloca-nos perante duas outras características da deusa, o seu papel de protectora das crianças e dos mais novos e ainda os seus poderes mágicos e curativos, através dos quais se cria que esta curava todos os padecimentos e maleitas e expulsava os espíritos malignos. Por outro lado, a junção destas duas particularidades é especialmente visível na relação de Ísis com o tear. Depois da estada de Ísis em Biblos, onde a deusa finalmente recupera o corpo do marido, dá-se o episódio da *concepção de Hórus*. As várias descrições da cena aludem à transformação da deusa num falcão, que pousa sobre a múmia de Osíris, sendo que noutras descrições a deusa não se transforma, mas simplesmente adquire asas. O mistério da concepção da criança divina explica-se pelo facto de Ísis a ter concebido por magia, pela pura união do psíquico com o espiritual, quer isto dizer que Hórus nasce da força da vontade mágica da rainha. Esta cena, por outro lado, faz de Ísis o símbolo da terra fecundada, enquanto Osíris representava as férteis inundações do Nilo.

*“(…) Ensinou as mulheres a dançar (...) a deslizarem rápidas como a luz e brilhantes como peixes (...) Deu-lhes cânticos, hinos e orações. Deu-lhes a contagem da lua cheia, minguante e crescente, a honra concedida aos cornos da mãe, o conhecimento das ervas e dos ciclos dos seus próprios corpos no tempo.” (Normandi, 1988: 43).*

*“Ísis acabou por amar também as crianças. Parecia estar fadada para ser sempre ama dos filhos das outras mulheres e nunca ter um filho seu. Mas se assim tinha de ser, aceitava-o e amava-os como se fossem seus. Não lhes desejava qualquer mal e lutava noite e dia para protegê-los dos perigos de animais selvagens, quedas e acidentes. Como o bebé era novinho e ainda havia tempo para a magia ter efeito sobre ele e como ela compreendia na sua alma torturada o desgosto provocado pela perda de um ser amado, Ísis resolveu fazer uma magia de protecção sobre a criança, criando naquele rapazinho mortal uma viva e eterna criatura (Normandi, 1988: 52-53).*

É com a cena da prisão de Ísis, no entanto, que melhor se compreende de onde vêm os atributos de maternidade que a rodeiam. Enclausurada numa sala escondida no interior de uma montanha, pelo furioso Seth, que se apercebe da concepção do seu futuro rival, Ísis é

obrigada a fiar, dia e noite, criando-se aqui um paralelo entre o trabalho no tear e a vida que se desenvolve no seu útero. Para além disso, Ísis passa também a ensinar artesãos, que Seth lhe envia, *a tecer vida*. Por aqui se explica o facto de Ísis ser a deusa que ensinou a arte do tear aos egípcios, estando, ao longo dos três mil anos da história do Egipto faraónico, cada vez mais ligada às artes domésticas em geral.

*... Ísis ensinou-lhes a arte de transformar a fibra do linho em fio e o fio em linho tecido, de matéria morta à nova vida. (...) «rezem enquanto tecem», disse Ísis. «Com preces, formarão os coágulos de sangue e darão forma aos ossos. Juntem fios vermelhos e azúis, brancos e pretos. Eu teço o que prevejo: uma escada para o céu, fios de luz do sol, do sol através de asas douradas. Faço uma teia de carne e prendo nela uma alma brilhante e prateada como um peixe (...). Cantem à criança: que ela viva muitos anos, floresça e cresça sempre saudável. Liguem o seu destino, com amor e sangue e desejo. Digam o seu sagrado nome em cada fio. É esse o tecido da vida.» (Normandi, 1988: 68).*

Com o nascimento de Hórus, a *rainha-mãe* do Egipto passa a ter um papel bem mais efectivo, dado que passará agora a reforçar a sua natureza materna com a presença de um filho biológico e para mais um filho que em breve seria o rei do Egipto. Por outro lado, é também aqui que é relatado o primeiro aleitamento de Hórus, imbuído, como se esperaria de uma cena como esta, de um imenso fundo de magia e simbolismo.

*O leite do céu correu para a terra como a graciosa luz das estrelas fluiu até às cabeças dos sonhadores. Ísis murmurou as canções da mudança, palavras de força, as protecções de uma mãe. Nesse momento de transformação estavam as sementes do passado e o florescimento do futuro. (Normandi, 1988: 68).*

A verdade é que a partir deste episódio Ísis enceta o percurso que a levará ao título de mãe divina do faraó egípcio, já que o faraó é um Hórus vivo, sendo que daqui parte a associação entre Ísis e o trono real. Na sua representação mais frequente, Ísis aparece antropomorficamente como uma mulher com o hieróglifo do seu nome (um trono) sobre a cabeça. Esta forma do trono, tal como o próprio significado do seu nome, remete para o papel crucial que desempenhou como mãe simbólica do rei e transmissora da realeza no Egipto, o mesmo é dizer como protectora da monarquia.

Mas Ísis passaria a ser também o protótipo da mãe perfeita, criando o filho secretamente nos pântanos de papiros do Delta, protegendo-o da ira de Seth até Hórus ter idade suficiente para vingar a morte do pai. Mantendo-o afastado do perigo, Ísis amarra a criança com uma faixa, envolvendo-o, desta forma, com os seus poderes mágicos. A faixa atada, sempre pintada de vermelho, era um poderoso símbolo protector (o nó de Ísis). Ao deparar-se com o jovem Hórus, Seth utiliza como base reivindicativa do trono egípcio o argumento da ilegitimidade do

jovem, dado o carácter de mistério que envolve a concepção da criança. Contudo, após décadas de lutas entre os dois rivais, os deuses entram em acordo e, com o aval da grande deusa Nut, concedem o trono e o título de faraó a Hórus. Pelo que, tendo Hórus triunfado, Osíris estava vingado e Ísis via assim culminar de êxito todos os seus esforços. Criara e educara Hórus no caminho certo. Justificara-se toda a sua determinação após a morte do marido. É este modelo de mãe que o seu comportamento mitológico fixou, granjeando-lhe a glória de que desfrutou ao longo de todos os períodos da História (Sales, 1999: 84-85). Neste contexto, a maior expressão da relação de Ísis com Hórus, e consequentemente com o faraó, é, sem dúvida, a legitimação do seu poder, que se encontra nas pequenas estatuetas, semelhantes às estatuetas da Coleção de Antiguidades Egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, onde a deusa é representada na sua expressão máxima de mãe da monarquia egípcia, aleitando Hórus criança, conhecido por Harpócrates entre os gregos, e mostrando quase sempre uma trança de cabelo disposta sobre o ombro, que funciona como indicação da sua juventude, e talvez do seu carácter de herdeiro da coroa, já que o futuro faraó usaria sempre uma trança de cabelo disposta na cabeça devidamente rapada (anexo 5).

Outras representações, porém, atribuem à deusa algumas características iconográficas muito próprias, desta feita, elucidativas da sua identificação com a deusa vaca Hathor. Deparamo-nos assim com uma mulher com um crescente lunar na cabeça, ou com dois cornos liriformes, encerrando o disco solar. A deusa Hathor era, na verdade, o animal sagrado de Ísis, aquele através do qual a deusa, segundo a crença popular, se expressava, tendo esta crença origem nas versões do mito que introduzem a intervenção de Hathor no episódio da luta travada entre Hórus e Seth. No momento em que Ísis, lamentando aquele que apesar de tudo era seu irmão, liberta Seth, após tê-lo alvejado com uma lança, Hórus, num instante de fúria, corta a cabeça à deusa, que num primeiro momento é substituída por uma cabeça de vaca que o deus Tot se apressa a colocar sobre os seus ombros. No entanto, aquando da sua segunda coroação, Ísis volta a receber a sua cabeça, reposta pelo filho, que lhe coloca um brilhante diadema parecido com a coroa de cornos (anexo 6).

Fonte de saber, de compaixão, de ordem e de integridade, iniciadora e mágica, Ísis é, na sua condição de *rainha-mãe*, a congregação das mais nobres qualidades, a tal ponto que, como protótipo da maternidade, ter-se-á transformado na personagem do mito osírico que mais terá contribuído para a construção da civilização faraónica. Daí que Plutarco enfatizasse a sua contribuição para o esforço civilizacional da Humanidade (Meunier, 1930: 17), o que é bem demonstrativo da grandeza e veneração que a deusa granjeou no mundo clássico.

No entanto, o que importa aqui ressaltar é que quando vemos a deusa Ísis ostentando uma cornamenta liriforme, o que é o caso das estatuetas que servem de base ao presente estudo,

para além de confirmarmos a sua conotação hatórica, e aglutinadora, convém que nos lembremos que a mesma complexidade se repete quando nos deparamos com estatuetas ilustrativas do fenómeno do aleitamento isíaco em que, em vez do Harpócrates, se faz representar um faraó adulto. Tudo se explica, porém, quando se tem bem presente o papel de Ísis como a transmissora da monarquia no Egipto, ou seja, quando ao olhar para estas estatuetas se entende o propósito final do culto da deusa, a legitimação do poder real. O facto é que os exemplares do aleitamento isíaco constituem, eles próprios, um reflexo da sagração do faraonato. Neles está a base sobre a qual se colocava o trono do faraó e embora esta última frase tenha um sentido figurado não deixa de sintetizar todo o processo de afirmação real. Os epítetos reais de *Hórus* e de *Hórus de Ouro*, todos os trabalhos por que Ísis passou no mito para conseguir reerguer o reinado do seu esposo, pelas mãos de seu filho, trazendo de volta o equilíbrio cosmogónico e a paz à terra, todas essas particularidades que lhe fariam ser intitulada por Plutarco de “deusa do universo”, encontram-se materializadas e sumariadas nestas estatuetas, às quais os artífices, através do trabalho minucioso do bronze, conseguiram imprimir a expressividade necessária. Todavia, será pertinente questionar o facto de a maioria das cenas do aleitamento mostrarem uma Ísis vaca e não uma Ísis com a cabeça encimada por um trono, já que esta é a forma que patenteia Ísis como transmissora do poder real. A questão é que ostentando a cornamenta liriforme da deusa-mãe, Ísis não deixaria de deter tal poder e ganharia ainda a sua conotação com a maternidade. Na verdade, o artista egípcio que primeiro materializou esta temática, originando uma repetição quase seriada que se iria prolongar pelo período da ocupação romana, teve a preocupação de conferir a estas estatuetas de carácter fundador o lado humano da questão, a ternura expressa no momento em que uma mãe amamenta o filho.

Por outro lado, estamos perante peças que não reflectem somente as modas do seu tempo. O presente estudo permite inferir que estes exemplares evidenciam claros vestígios dos caminhos que a arte egípcia percorreu desde os primeiros tempos. Tomemos como exemplo a convenção egípcia e, dentro desta, o cânone da escala propiciador de clareza e equilíbrio. Tratam-se de normas que se encontram presentes em todos os períodos que constituem a história da arte do Egipto, com excepção do último, a conquista árabe. Tanto nas imagens do aleitamento do Império Médio, como nas do Terceiro Período Intermediário, Época Baixa e Época Greco-Romana, prevalece o respeito pela construção coordenada de todo o conjunto, que caracteriza a arte egípcia, à excepção, claro está, dos exemplares de cariz amulético, a maioria dos quais de feitura mais rude. Para além disso, foram precisamente estas convenções estilísticas rígidas que levaram à repetição sucessiva do mesmo tema durante tanto tempo. O mesmo, de resto, aconteceu com todos os outros sectores da arte egípcia, o baixo-relevo, a

pintura e a arquitectura, onde afinal se congregavam todas as outras vias. No entanto, esta repetição criadora de uma arte estática começou a permitir mutações aquando do Império Médio, já que o atrás mencionado alargamento dos contactos comerciais e culturais com os povos que envolviam o território egípcio terá proporcionado à consciência do artista egípcio uma maior sensibilidade e humanização, que este, desde então, viria a reflectir na sua obra dotando-a de um alto grau de expressividade, sendo esta a realidade que permitiu aos artífices do aleitamento isíaco dotar as suas peças, relativamente estandardizadas pelo cânon, de um forte intimismo.

Por último importará compreender o porquê da popularidade do aleitamento isíaco entre Gregos e Romanos. A par da explicação do elevado nível de intelectualização dos filósofos gregos que se encarregaram de transportar a temática pelo mundo romano, deverá ser tido também em conta o facto de estas imagens representarem duas das principais personagens do mito de Osíris, que é não só o mito fundador e protector da monarquia faraónica, como também aquele que garantia aos Egípcios que depois da sua morte terrena teriam acesso a uma nova vida no outro mundo, tal como tinha acontecido com Osíris, segundo o mito, o primeiro defunto a ser mumificado e, por conseguinte, a ter acesso a essa realidade. Terá sido a crença que estes deuses inspiravam na vida após a morte um dos motores que fez mover a curiosidade dos povos que entraram no território no final da Época Baixa? Esta será uma possibilidade a ter em conta, já que como personagens de mitos estilizados que eram, as divindades greco-romanas pouca influência teriam na vida quotidiana dos homens. Estas integravam histórias muito divulgadas como entretenimento, o que diminuía, em muito, o seu carácter misterioso e simbólico. Já Isis e Hórus, tal como os demais deuses egípcios, conservaram sempre a sua relação entre o simbólico e o prático, representando o ciclo do nascimento e da morte e transpondo-o para a realidade da vivência, função a que a sociedade egípcia, profundamente movida pela religiosidade e crença, sempre os votou. Por este mesmo motivo existiriam exemplares de Ísis e Hórus tanto em templos, como em câmaras funerárias, como nas casas dos particulares, ou ainda pendurados no pescoço dos seus crentes (anexo 7).

Todavia, esta última questão resume os significados destes dois deuses quando separados. Já quando se encontram reunidos, na cena do aleitamento, estes funcionam como um só, um todo cujas várias funções e expressões já terão sido devidamente explanadas, faltando só referir uma última característica inerente a estas estatuetas votivas, esta atribuída pela transposição cristã do aleitamento, numa clara tentativa de humanizar as imagens da virgem e do menino. O facto é que através desta última questão o aleitamento isíaco deixa de ser somente um tema iconográfico para passar a constituir um protótipo de feição intemporal.

Da arte egípcia e de todas as suas convenções nada sobra nestes exemplares coptas senão o tema central, o aleitamento isíaco, cuja sobrevivência se pode acompanhar sem interrupção, através do helenismo até à arte cristã, com a *Madonna Lactans*. As imagens da *Galaktotrophousa*, denominação dada pelos gregos, inserem-se no âmbito da arte copta, a arte dos cristãos do vale do Nilo. Nestas peças da virgem a amamentar o menino Jesus, ressalta, sem dúvida, um trabalho de conjugação da religião egípcia com a estética helenística. Numa peça originária de El Fayoum, cujo artista seria muito provavelmente cristão, a avaliar pelo carácter majestático da iconografia, esta realidade da aculturação é bem visível (Wessel, 1964: 17). Quando consultamos obras sobre a arte paleocristã ficamos com a imagem de que esta só reproduzia a virgem em majestade, o que não estará muito longe da verdade, daí que seja interessante imaginar o impacto que estas imagens coptas da mãe do divino senhor cristão, representada com uma maternidade de um intimismo e ternura sem precedentes, poderá ter tido nos cristãos da época. Infinitamente mais humanas, estas imagens exprimem algo que só podia ter sido importado da tradição egípcia e constituem o testemunho mais gritante do carácter intemporal da temática de Ísis aleitando Hórus (anexo 8).

**BIBLIOGRAFIA**

ARAÚJO, Luís Manuel de – A imagem da mulher na arte Pré-clássica. In SANTOS, Maria Clara Curado (org.) – *A mulher na História, Actas dos colóquios sobre a temática da mulher*, 1999/2000. Câmara Municipal da Moita, Departamento de Acção Sócio-Cultural, 2001, p. 57.

DELANGE, Elizabeth – *Egipto Faraónico, Terra dos Deuses* (Louvre). Paris: MASP, Fundação Casa França Brasil, 2001-2002, p. 63.

HOUSTON, Jean – *A paixão de Ísis e Osíris, Uma união de duas almas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 43, 52-53, 321.

LEROI-GOURHAN, André – *Os caçadores da Pré-história*. Lisboa: Edições 70, 1983, p. 128.

MEUNIER, Mario – *Isis y Osiris, (n'ad orig. iside et Osirid), Plutarco*. Madrid: [s.n.], 1930, p. 17.

SALES, José das Candeias – *As Divindades Egípcias, uma chave para a compreensão do Egipto Antigo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999, pp. 84-85.

SOLMSEN, Friedrich – *Isis among the Greeks and Romans*. Cambridge e Londres: Harvard University Press, 1979, p. 51.

WESSEL, Klawns – *L 'art Copte, L 'art antique de la basse Épo que en Égypte*. Bruxelles: Éditions Meddens, 1964, p. 17.

## ANEXOS



**Anexo 1:** Ísis aleitando Hórus. Número de inv. E180



**Anexo 2:** Ísis aleitando Hórus. Número de inv. E316



**Anexo 3:** Ísis aleitando Hórus. Número de inv. E178



**Anexo 4:** Estatuetas proto-históricas de Ísis segurando Hórus.  
(<http://usuarius.lycus.es/martineano/ar5.egipto.html>)



**Anexo 5:** Ísis aleitando Hórus, Época Baixa,  
alt.17 cm, diâm. 3,3 cm.  
Proveniência desconhecida.  
Aquisição Colecção Fould em 1860  
(Elizabeth Delange, 2001-2002, p. 63)



**Anexo 6:** Ísis aleitando Hórus em bronze, Dinastia ptolomaica, Museu do Louvre (Luís Manuel de Araújo, 1999, p. 67.



**Anexo 7:** Ísis amamentando Hórus, período romano (Klaus Wessel, 1964, p. 116).



**Anexo 8:** Relevo representando a *Madonna Lactans*  
(Klaus Wessel, *ibidem.* p. 11).